

A atividade leiteira como alternativa de geração e inclusão de capital social no contexto de pequenos produtores da Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul

Mário Luiz Santos Evangelista (SETREM/UNIJUÍ) mario.evangelista@terra.com.br

Valmir Heckler (SETREM) valmirheckler@setrem.com.br
Fabio Antonio Elger (SETREM) fabioelger@gmail.com
Gustavo Griebler (SETREM) gustavogriebler@gmail.com
Ana Carolina Nüske (SETREM) aninhacarol.ana@gmail.com
Cilione Gracieli Santor (SETREM) cilisantor@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a atividade leiteira como alternativa de inclusão no capital social da Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul possui vocação para o agronegócio, e busca otimizar os seus recursos físicos, materiais e humanos para a agricultura, a pecuária e os processos de uma agroindustrialização diferenciada, tendo como suporte uma produção de alimentos com tecnologias limpas e renováveis. Esse estudo vem de encontro aos anseios da população regional no sentido de dar uma identidade à mesma, diagnosticando e apontando os direcionamentos da cadeia agroalimentar da atividade leiteira. A metodologia utilizada para o presente estudo foi caracterizada pela utilização dos métodos histórico e comparativo. Com a finalidade de alcançar os propósitos do trabalho foram adotadas algumas técnicas que correspondem à parte prática de coleta de dados e informações, distinguindo-se as seguintes: a documentação indireta, a pesquisa bibliográfica, a documentação direta intensiva e a observação da realidade. Como conclusão do trabalho, tem-se que o capital social baseado na atividade leiteira da Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul é considerada inclusiva, porque consegue unir os pequenos produtores ao redor de uma atividade produtiva, em forma de cooperativas, permitindo a sua auto-sustentabilidade, com entradas gradativas de recursos de capital, que normalmente são mensais, servindo de manutenção e sustento para as famílias distribuídas em pequenos lotes rurais, os quais se encontram inviabilizados para o plantio de culturas anuais.

Palavras-chave: *Atividade leiteira, Capital social, Produtores rurais.*

1. Introdução

A Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul possui vocação para o agronegócio da cadeia produtiva primária, com integração para frente e para trás, buscando otimizar recursos físicos, materiais e humanos, buscando uma diferenciação no setor agropecuário, tendo por base a produção de alimentos com tecnologias limpas e renováveis. Essa diferenciação se dá mediante o uso do aproveitamento de um sistema de produção agropecuário que permita o manejo do solo e demais recursos naturais de forma equilibrada.

A cadeia agroalimentar é caracterizada pela produção primária, agroindustrial e comercial, que produz, processa e comercializa produtos oriundos do setor primário, sejam eles, agrícolas ou pecuários. Entre inúmeras agroindústrias da região destacam-se os complexos agroindustriais de empresas públicas e privadas, como moinhos, cerealistas, frigoríficos e abatedouros (de aves, suínos e bovinos); agroindústrias de derivados de leite (beneficiamento e industrialização), agroindústrias de conservas (doces, geléias, condimentos e picles), agroindústrias de vinhos, sucos, aguardente e derivados de cana-de-açúcar.

Esse estudo vem de encontro aos anseios da população no sentido de dar um mapeamento sobre o setor produtivo em termos de potencialidades e demandas da região, diagnosticando e apontando os rumos para a cadeia agroalimentar da atividade leiteira. Nesse sentido, o arranjo produtivo local do leite e derivados é de fundamental importância para esse setor econômico, bem como para as organizações e pessoas que desejarem investir e empreender na atividade.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para a execução do presente estudo e a caracterização do tipo de pesquisa, obedece aos seguintes critérios: o plano de coleta de dados, o plano de análise e interpretação dos dados. Segundo Vergara (2000), existem dois critérios básicos para classificar os tipos de pesquisa: quanto aos fins, este estudo se classifica como pesquisa descritiva e intervencionista; quanto aos meios, se classifica como pesquisa bibliográfica. É pesquisa descritiva porque expõe as características do setor do agronegócio e é pesquisa intervencionista porque tem como objetivo propor alternativas que venham dar maior suporte aos empresários nas tomadas de decisões. Também é bibliográfica porque é amplamente baseada em fontes de autores que abordam a temática em questão.

Quanto aos procedimentos, foram usados os seguintes métodos: histórico, comparativo e o estatístico. O método histórico referiu-se a dados e informações já existentes a respeito da atividade leiteira da região, e que serve de embasamento para a presente pesquisa. O método comparativo buscou a comparação entre as semelhanças e divergências entre os diversos aspectos econômicos e sociais relativos à atividade leiteira da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Com a finalidade de alcançar os propósitos do trabalho foram adotadas algumas

técnicas que correspondem à parte prática de coleta de dados e informações, distinguindo-se as seguintes: a documentação indireta, a pesquisa bibliográfica, a documentação direta intensiva e a observação da realidade.

3. Fundamentação teórica

O agronegócio no Brasil, segundo informações de Glat (2004), gerente executivo da Pioneer Brasil, é o maior negócio de nosso país, o qual marcha para ser a maior potência agrícola do planeta. Batalha (1997), afirma que a necessária vinculação da produção agroindustrial à oferta de produtos agrícolas subordina essa atividade às restrições à produção agrícola ditadas pela natureza, às condições climáticas e o período de maturação dos investimentos. As mudanças no setor vieram paulatinamente por uma conjunção de fatores políticos, econômicos, tecnológicos e sociais.

No que se refere às políticas, segundo a análise de Glat (2004), este item reflete na mudança da política do crédito agrícola, fechando as torneiras do crédito oficial, que por um lado, deixou muitos agricultores em situação difícil, mas por outro, ajudou a profissionalizar a gestão da atividade, havendo uma seleção em que os melhores conseguiram continuar. A renegociação da dívida agrícola trouxe oxigênio para o setor produtivo. Os financiamentos com juros mais acessíveis permitiram uma boa renovação do parque de tratores, implementos e máquinas com reflexo direto na produtividade.

Em termos econômicos, Glat (2004), diz que o agronegócio brasileiro movimentava um terço do PIB, ou seja, aproximadamente R\$ 450 bilhões, gerando 37,0% dos empregos e responde por 44,0% das exportações brasileiras, rendendo em torno de U\$ 30 bilhões ao ano. No ano de 2003, enquanto o PIB do país teve leve retração, o do agronegócio cresceu mais de 6,5%. Nesse período de euforia econômica, não se pode esquecer que a agricultura nem sempre esteve assim, pois há dez ou quinze anos o setor naufragava em dívidas, a frota de tratores e implementos estava sucateada e a erosão causada pela aração e gradeação da terra assoreavam estradas, rios e mananciais. Outro fator a ser considerado é o tecnológico, pois a profissionalização da gestão das propriedades agrícolas, como única alternativa para permanecer no mercado, gerou bons frutos. Profissionais

foram contratados para administrar fazendas e dar assistência técnica. A EMBRAPA e outros órgãos de pesquisa geraram novas tecnologias, que passaram a ser adotadas rapidamente pelas empresas e produtores de ponta. Nos últimos treze anos a área plantada com grãos no Brasil cresceu 25%, mas a produção cresceu 125%. O plantio direto cobre hoje boa parte da região sul e centro-oeste e tornando-nos hoje, sem dúvida, o país com maior *know-how* técnico no assunto.

Por outro lado, no contexto social, surgem as pessoas como diferencial para o desenvolvimento de uma localidade ou região, representada na figura do empreendedor, que ganha destaque, principalmente na função da necessidade de gerar novos postos de trabalho. O desemprego, no âmbito mundial, alcança hoje os níveis mais altos desde a crise dos anos 30. No Brasil, esta situação vem se agravando, apresentando um índice em torno de 12% (IBGE 2005). Cresce o número de pessoas subempregadas e desempregadas, e uma multidão de jovens, muitos sem qualificação, é alijada do mercado de trabalho todo o ano. Segundo Jeremy Rifkin (apud Cunha; Ferla, 1997), em seu livro "Fim dos Empregos", "redefinir oportunidades e responsabilidades para milhões de pessoas numa sociedade, sem o emprego de massa formal, deverá ser a questão social mais premente do próximo século". Para Dolabela (2000), a maioria das pessoas, desde que estimulada, pode desenvolver mentalidade e habilidades empreendedoras, tornando-se capaz de criar empresas e gerar novos empregos.

O setor da agroindústria observado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2004, registrou crescimento de 5,3%. No período de 2002 a 2004 houve um crescimento industrial de 4,5%, a agroindústria avançou 13,3%. A taxa de crescimento da agroindústria superou a da indústria em geral, indicando que os setores industriais identificados com a agroindústria mostraram maior dinamismo que a produção industrial como um todo. Ainda, conforme dados do IBGE (2004), o resultado confirma o impacto positivo originado pelo agronegócio, principalmente o de exportação, sobre a atividade industrial. A evolução dos índices em bases trimestrais mostra um ganho de dinamismo no ritmo da atividade da agroindústria. Após um crescimento de 5,5% no primeiro trimestre, na agroindústria frente a igual período do ano passado, o setor mostra desaceleração no segundo trimestre (2,6%), voltando a ganhar ritmo no terceiro trimestre (6,4%) e no último

trimestre do ano (6,8%), quando ficou ligeiramente acima do crescimento global da indústria (6,3%).

As informações disponibilizadas pela agronline (2004), afirmam que a agroindústria tem fortes impactos para trás e principalmente para frente. Cada R\$ 1.000,00 produzidos pela agropecuária resultam em R\$ 5.636,00 que são gerados em atividades que estão depois da fazenda (agroindústria, transporte, comercialização) e de mais R\$ 623,00 sobre atividades antes da fazenda (máquinas, fertilizantes). Os setores agroindustriais apresentam mais impacto sobre atividade para trás, como a própria agricultura. Para efeitos comparativos, depois da agropecuária, o setor que tem mais impacto para frente é o refino de petróleo com R\$ 3.719,00.

O diagnóstico do setor agropecuário da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, se caracteriza pelo pequeno porte das propriedades agrícolas, sendo que mais de 70% delas, possuem área inferior a 20 hectares e aproximadamente 45%, menos de 10 hectares. Destaca-se por outro lado, que apenas 1,29% das propriedades agrícolas possuem área superior a 100 hectares, segundo dados do IBGE (2001). De acordo com esses mesmos dados, a produção agrícola da região de abrangência do COREDE – Fronteira Noroeste, atualmente é composta pelas culturas de soja, milho e trigo e apresenta uma área colhida de soja superior a 236.700 hectares e produção de 366.591 toneladas; a área colhida de milho é de 92.318 hectares, com produção superior a 215.247 toneladas; e o trigo compreende área de 64.910 hectares colhidos e produção superior a 763.566 toneladas.

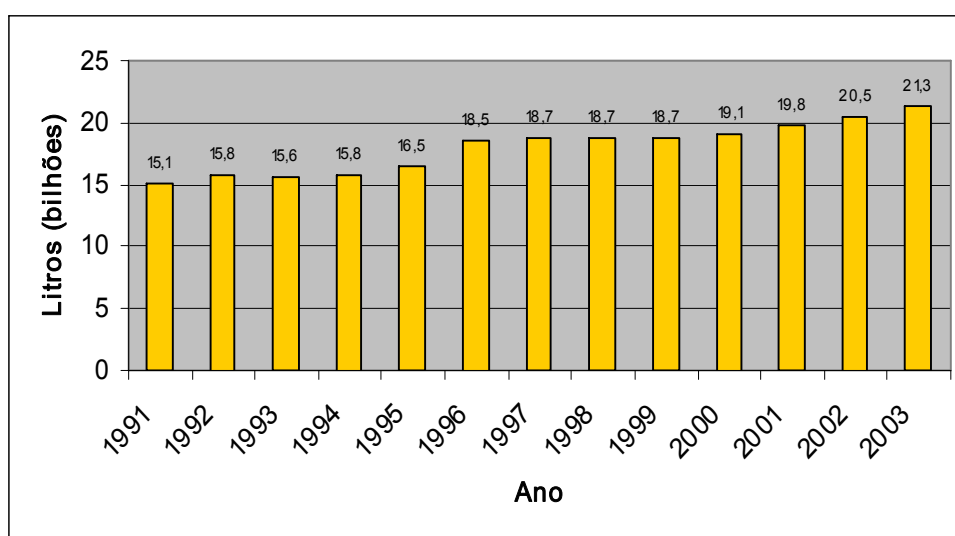
No setor da pecuária, o rebanho apresenta os seguintes números: suínos, 284.146 cabeças; bovinos, 303.813 cabeças e aves, 1.062.500 unidades. Por sua vez, os produtos de origem animal apresentam os seguintes dados: produção leiteira superior a 230.000 litros, sendo uma das maiores do Estado do Rio Grande do Sul e a produção de mel de abelha com aproximadamente 215.894 kg, sendo estes, os principais itens apresentados pelo Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional - IPD (2001 e 2002).

Informações obtidas no Atlas Econômico do Rio Grande do Sul (2005), nos remetem a verificar que o Rio Grande do Sul é o terceiro produtor nacional de leite, com de 10,6% da produção nacional ou seja, apresenta uma produção de 2,2 bilhões de litros. E, entre as regiões com maior produção estão o Noroeste Colonial

com 11,3%, produção com 11%, Fronteira Noroeste com 9,4 e Serra com 8,1% do leite produzido no Estado. Esses dados confirmam a importância da atividade para a Região Fronteira Noroeste, em estudo.

Conforme dados obtidos junto ao órgão regional da EMATER de Santa Rosa (2005), existe uma produção de leite média diária na região de abrangência da mesma, na ordem de 760.415 (setecentos e sessenta mil quatrocentos e quinze) litros de leite, que são destinados à industrialização.

A produção Brasileira de Leite, conforme se observa na figura 01 aumentou em 40%, de 1991 a 2003.

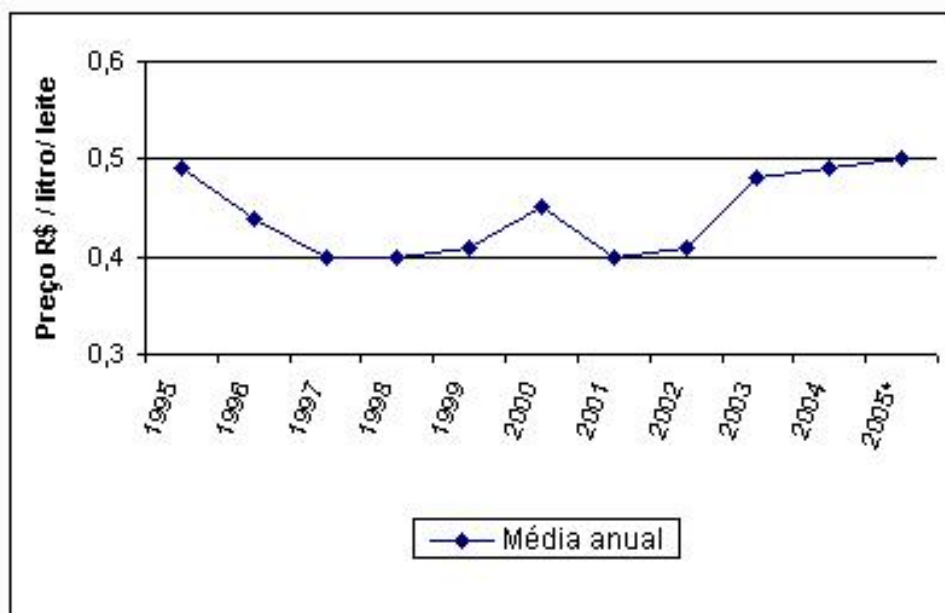


Fonte: IBGE, CNA, CDCL, Leite Brasil, CNPQ (2003)

Figura 01 – Produção de Leite Total do Brasil – 1991 a 2003 (bilhões de litros)

Segundo Martins (2003), o volume de produção aumentou devido à forma diferenciada de pagamento do litro de leite ao produtor rural, associada à modernização da atividade. Ainda, para Martins, mais de 70% do leite produzido é resfriado na propriedade e transportado a granel. No que se refere ao consumo *per capita* de leite no Brasil, Nalesso (2004), argumenta que é de 127 litros, bem abaixo do consumo Argentino, que é de 200 litros *per capita*.

No que tange aos preços de leite recebido pelos produtores da Região Noroeste do Rio Grande do Sul, não estão díspares aos recebidos pelos produtores de leite de São Paulo, preços estes registrados no gráfico da figura 02, conforme o Instituto de Economia Agrícola (2005).



Fonte: Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (2005).

Figura 02 – Estado de São Paulo – Média Anual – Preço/litro/leite, período 1995 a 2005

Outra informação a respeito dos preços de leite praticados no Brasil pode ser vista no Quadro 01.

Quadro 01 – Preços Médios Praticados no Atacado

Produto	Dados	GO	MG	PR	RS	SP
	Máxima	0,59	0,60	0,53	0,57	0,65
Preço do Leite Cru	Média	0,53	0,55	0,51	0,52	0,57
	Mínima	0,50	0,51	0,50	0,50	0,53
	Máxima	1,20	1,20	0,98	1,00	1,15
Preço do Leite Pasteurizado	Média	0,91	0,93	0,94	0,97	0,92
	Mínima	0,64	0,69	0,79	0,93	0,73
	Máxima	1,24	1,34	1,20	1,15	1,30
Preço do Leite UHT	Média	1,17	1,18	1,18	1,14	1,14
	Mínima	1,15	1,08	1,15	1,12	0,85
	Máxima	8,90	9,68	9,14	8,60	13,12
Preço do Queijo Prato	Média	7,17	8,14	7,83	8,05	8,38
	Mínima	5,20	6,00	6,53	7,50	6,51

	Máxima	10,48	11,03	8,70	9,40	10,00
Preço Manteiga (200 gr)	Média	8,48	7,88	8,62	9,40	8,51
	Mínima	5,00	6,39	8,40	9,40	6,75
	Máxima	8,80	9,00	9,73	9,60	12,43
Preço Queijo Mussarela	Média	6,34	7,35	8,00	7,80	7,00
	Mínima	4,80	5,50	6,79	7,30	5,30
	Máxima	9,57	10,08	10,05	10,52	9,74
Preço Leite em Pó	Média	9,50	9,83	9,39	9,92	8,22
	Mínima	9,43	9,58	7,42	8,10	7,40

Fonte: Boletim do Leite (CEPEA, EMBRAPA GADO DE LEITE, OCB – OBCL) (2005)

Os contrastes sociais dentro da região Fronteira Noreste do RS, são muito fortes. Enquanto um município possui uma renda *per capita* de R\$ 14.465,00, este índice em outro município da mesma região, fica em R\$ 2.962,00. Além disso, até nos municípios mais prósperos, existem bolsões de miséria bastante acentuados.

Analisando dados do PIB *per capita* correntes, conforme Kohler (apud Dallabrida e Büttgenbender – 2006), os 20 municípios da referida região no período 96-02, nos mostram que a região em estudo apresentou anualmente um PIB *per capita* inferior ao PIB *per capita* do RS. No que se refere a superação do PIB *per capita* estadual, em 2002, somente dois municípios da região (Horizontalina e Nova Candelária) conseguiram, indicando um sério problema econômico regional.

Dessa forma, verifica-se a importância da busca de novas alternativas para os setores de produção primária, pois são estes que sustentam economicamente e influenciam na qualidade de vida das pessoas. Mediante esta realidade, verifica-se a importância de um trabalho voltado a um contexto de união entre as pessoas e as entidades ligadas ao setor produtivo.

No entender de Putnam (1996), o capital social é oriundo de algumas características da organização, como confiança, normas e sistemas de forma ordenada e que contribuam com o aumento da eficiência da sociedade para superar desafios, enfrentados em conjunto. Essa ação conjunta remete ao conceito de Coleman (1990), que afirma que o capital social é constituído a partir da união e

esforços das ações individuais que se consolidem na forma conjunta em benefícios para toda a sociedade.

A cooperação é uma palavra-chave, quando se trata do entendimento do capital social, pois a origem da palavra remete a co-operação, isto é, a operação em conjunto, trabalhando de forma coletiva. Nesse sentido, as ações devem ser desenvolvidas a partir de projetos conduzidos na mesma direção. Por isso, são oportunas as considerações de Casarotto Filho e Pires (1998), ao informarem que um projeto de desenvolvimento deve passar pelas seguintes etapas: mobilização dos atores em torno de uma idéia central; contar com o apoio dos atores para a elaboração e execução do projeto; definir o projeto para conduzir o desenvolvimento territorial; realizar o projeto em tempo hábil e criar uma identidade que expresse a unidade do pacto entre os protagonistas. Para Bartoli (apud Milani, 2005), o desenvolvimento local é considerado como o conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais, com vistas a um projeto de transformação social de forma integrada.

4. Apresentação e discussão dos resultados

A cadeia produtiva do leite é composta por vários setores, os quais desempenham influência direta entre si, bem como, demandam de tecnologias que as interligam, como por exemplo: setor de insumos interfere no setor de produção, o qual interage com a indústria, que por sua vez, atinge o setor de distribuição, conforme demonstrado na figura 03.

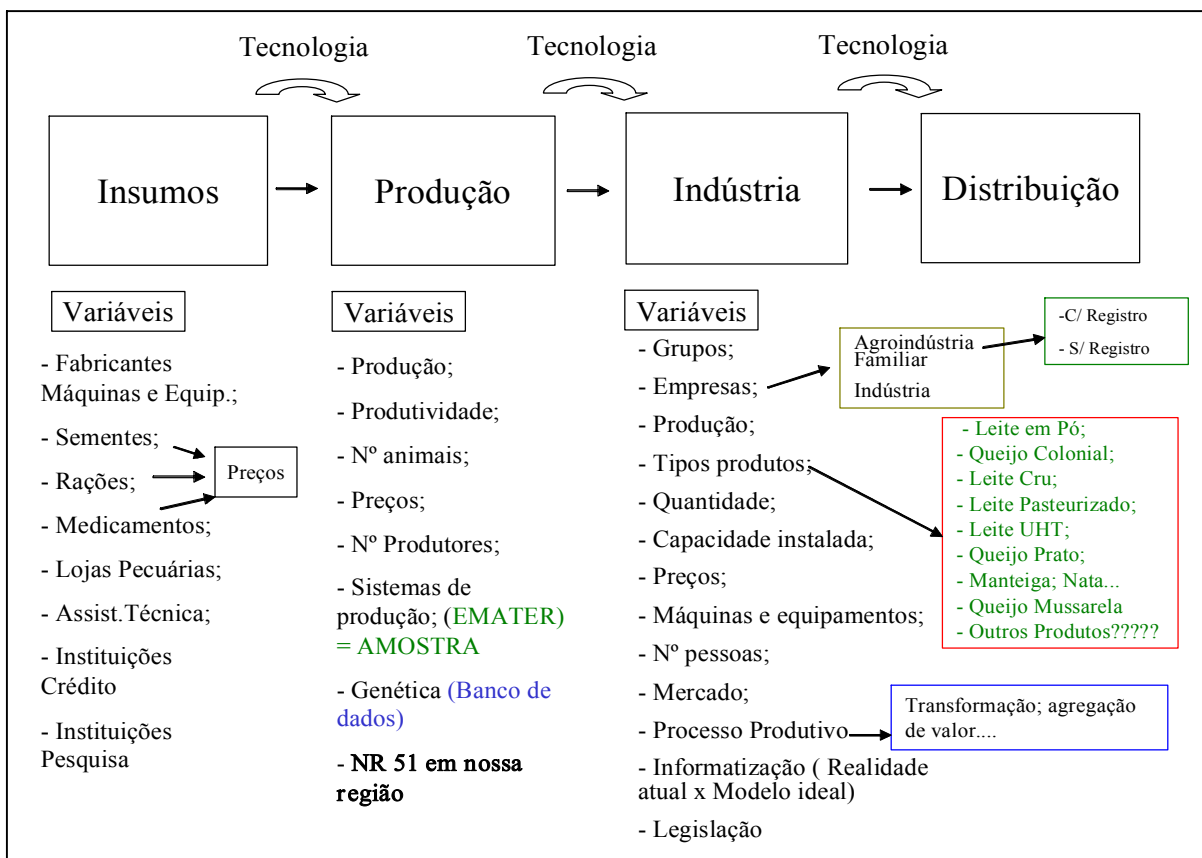


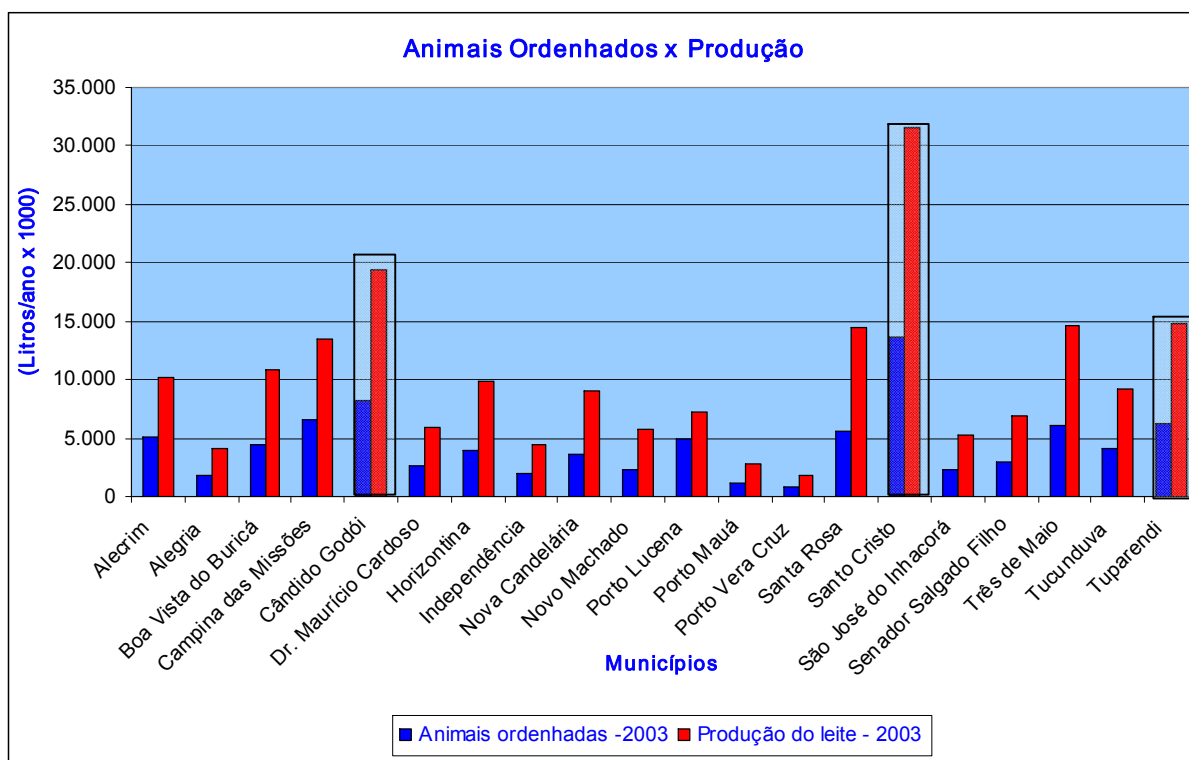
Figura 03 - Relação de tecnologias e os diferentes setores de produção

Na figura 03, verifica-se que a cadeia produtiva da atividade leiteira é complexa, pois apresenta uma série de variáveis em cada um dos setores envolvidos, os quais estão diretamente ligados a diferentes grupos de pessoas que precisam trabalhar em sintonia para o desenvolvimento de tecnologias que atendam a demanda que cada atividade exige.

No primeiro setor, encontra-se a produção de insumos, constituída de empresas fabricantes de matérias-primas, máquinas e equipamentos, serviços, créditos e pesquisa. No setor de produção primária propriamente dita, destaca-se a questão da produção leiteira, quantidade de animais, número de produtores, pessoas envolvidas, melhoramento genético, a questão da qualidade do produto e preços. A indústria aparece como terceiro setor dentro desse contexto representado por empresas transformadoras e processadoras da matéria-prima. E a distribuição cumpre o papel de logística dentro da cadeia produtiva.

Ao estudar o setor da produção primária levantaram-se alguns dados que merecem um destaque neste escrito. Através da Figura 04, busca-se comparar o

número de animais ordenhados por município versus a produção dos mesmos. Apresentam-se como maiores produtores de leite na região em estudo, o município de Santo Cristo, Cândido Godói e Tuparendi.

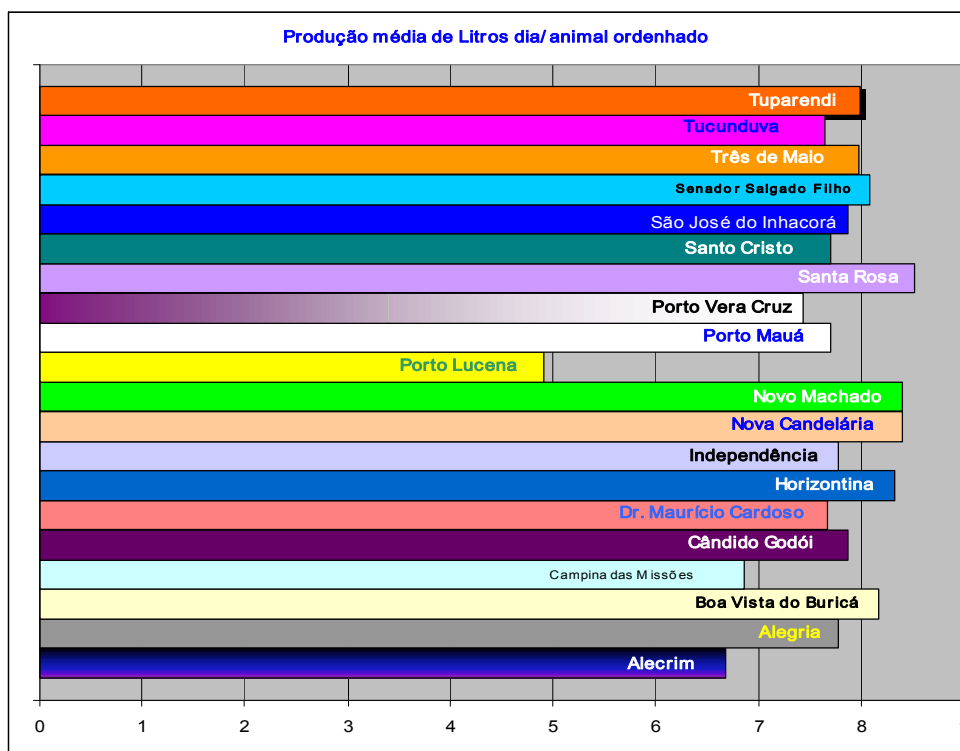


Fonte: IBGE, 2003.

Figura 04 – Dados comparativos de animais ordenhados x Produtividade anual.

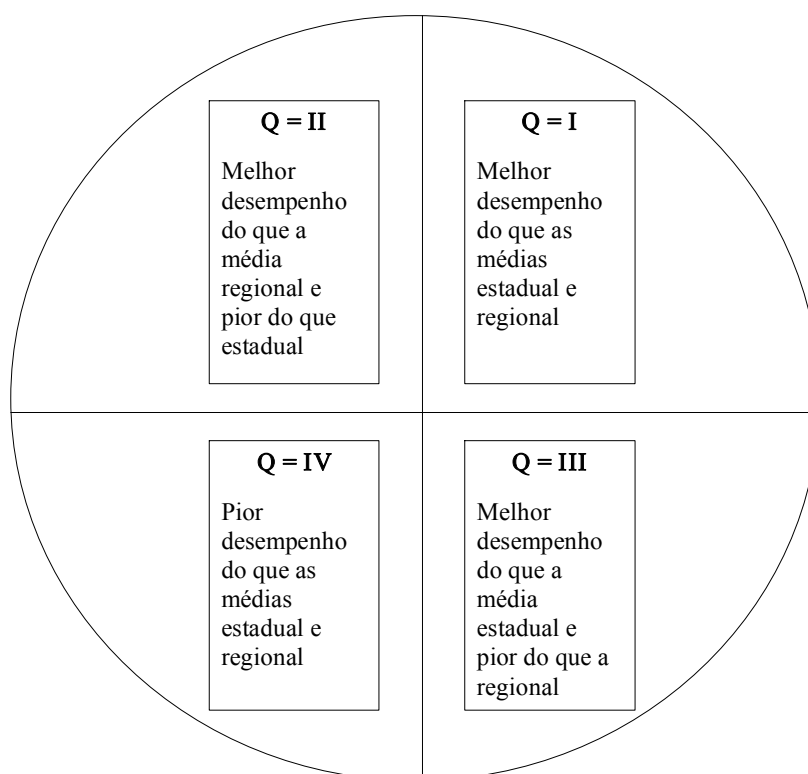
Já na Figura 05, observa-se a existência de grandes diferenças de produção leiteira média entre os municípios. Apresentando o município de Santa Rosa com a maior produção média, o qual possui produção de 8,5 litros dia por animal ordenhado. Mas por outro lado, o município de menor produtividade é o município de Porto Lucena com uma média de 4,95 litros dia por animal ordenhado.

Esses dados revelam uma baixa média de produção de litros por animais ordenhados, o que indica uma necessidade de avanço na utilização das tecnologias existentes dos setores de insumos e produção.



Fonte: IBGE, 2003.

Figura 05 – Dados comparativos da produção média de litros/ animal ordenhado.



Fonte: Köhler (2006).

Figura 06 - Classificação por desempenho do município em relação à região e ao Estado

Em relação à metodologia, utilizou-se o seguinte esquema de análise por quadrantes, conforme demonstrado na Figura 06, e que permite melhor entendimento e comparação dos municípios à região e ao Estado.

De acordo com Köhler (2006), nesta configuração, o quadrante I representa um melhor desempenho do município em relação as médias estadual e regional; o II melhor do que a região e pior do que o Estado; o III melhor que o Estado e pior que a região; e o IV pior desempenho do que as médias regional e estadual.

Os dados apresentados no Quadro 02 demonstram a produção de leite dos municípios que compõem a região Fronteira Noroeste. Desta forma, no quadrante I, enquadram-se os municípios de Boa Vista do Buricá, Campinas das Missões, Cândido Godói, Santa Rosa, Santo Cristo, Três de Maio e Tuparendi, observando que os mesmos não apresentaram variação durante os três anos. Já os municípios de Alecrim, Dr. Maurício Cardoso, Horizontina, Independência, Nova Candelária, Novo Machado, Porto Lucena, São José do Inhacorá, Senador Salgado Filho e Tucunduva estão enquadrados no quadrante III, apresentando melhor desempenho que a média estadual, mas pior desempenho em relação à média regional. No que tange aos municípios de Alegria, Porto Mauá e Porto Vera Cruz apresentam uma baixa produção comparada com a média estadual e regional, enquadrando-se no quadrante IV.

Quadro 02 – Evolução da produção de leite dos municípios da Região Fronteira Noroeste/RS

Municípios	Produção (1000 l) 2002	Q*	Produção (1000 l) 2003	Q*	Produção (1000 l) 2004	Q*
Alecrim	10.493	III	10.162	I	11.239	III
Alegria	4.888	III	4.140	IV	4.347	IV
Boa Vista do Buricá	12.220	I	10.889	I	11.386	I
Campina das Missões	14.330	I	13.435	I	16.653	I
Cândido Godói	19.038	I	19.422	I	13.540	I
Dr. Maurício Cardoso	6.931	III	5.964	III	6.203	III
Horizontina	10.680	III	9.864	III	10.357	III
Independência	7.571	III	4.430	IV	5.961	III
Nova Candelária	9.623	III	8.956	III	9.442	III
Novo Machado	6.786	III	5.670	III	7.087	III
Porto Lucena	7.575	III	7.151	III	8.295	III
Porto Mauá	3.370	IV	2.746	IV	2.864	IV
Porto Vera Cruz	1.854	IV	1.885	IV	2.226	IV
Santa Rosa	17.273	I	14.488	I	16.708	I
Santo Cristo	27.592	I	31.485	I	38.433	I
São José do Inhacorá	6.249	III	5.247	III	7.315	III
Senador Salgado Filho	7.611	III	6.971	III	7.603	III

Três de Maio	18.067	I	14.699	I	20.250	I
Tucunduva	9.923	III	9.252	III	10.085	III
Tuparendi	15.405	I	14.777	I	15.664	I
Produção média (Região)	10.874		10.082		11.283	
Produção média (Estado)	4.698		4.649		4.768	

Fonte: Embrapa Gado de Leite, FEE, IBGE (2004).

No Quadro 03, buscou-se realizar um comparativo da produtividade dos municípios referente aos anos de 2002, 2003 e 2004. Observa-se que houve pouca variação da produtividade, representada pela produção e número de animais ordenhados dos municípios da região. No quadrante I, os municípios que se destacaram no ano de 2004 foram: Boa Vista do Buricá, Horizontina, Independência, Novo Machado, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, Três de Maio e Tuparendi. E, se destacando com baixa produtividade, o município de Porto Lucena. Demonstrando assim, que existe em alguns municípios uma deficiência de utilização de tecnologia em relação à produção de insumos e à produtividade leiteira.

Quadro 03 – Comparação da produtividade dos municípios Região Fronteira Noroeste/RS

Municípios	Produtividade anual (I) 2002	Q*	Produtividade anual (I) 2003	Q*	Produtividade anual (I) 2004	Q*
Alecrim	2001,72	III	2001,58	III	2007,00	III
Alegria	2336,52	I	2335,03	I	2189,00	III
Boa Vista do Buricá	2478,70	I	2451,93	I	2278,00	I
Campina das Missões	2141,36	III	2054,91	III	2068,00	III
Cândido Godói	2096,70	III	2359,90	I	2081,00	III
Dr. Maurício Cardoso	2301,13	I	2300,93	III	2227,00	I
Horizontina	2495,33	I	2495,32	I	2299,00	I
Independência	2333,13	I	2331,58	I	2284,00	I
Nova Candelária	2520,43	I	2519,98	I	2197,00	III
Novo Machado	2520,80	I	2520,00	I	2274,00	I
Porto Lucena	1460,95	IV	1471,40	IV	1699,00	IV
Porto Mauá	2311,39	I	2311,45	I	2182,00	III
Porto Vera Cruz	2233,73	III	2230,77	III	2080,00	III
Santa Rosa	2555,18	I	2556,10	I	2303,00	I
Santo Cristo	2309,15	I	2308,96	I	2421,00	I
São José do Inhacorá	2359,00	I	2360,32	I	2322,00	I
Senador Salgado Filho	2422,34	I	2422,17	I	2158,00	III
Três de Maio	2425,75	I	2389,69	I	2315,00	I
Tucunduva	2294,87	III	2294,07	III	2299,00	I
Tuparendi	2395,06	I	2398,09	I	2274,00	I
Produtividade média (Região)	2299,66		2305,71		2197,85	
Produtividade média (Estado)	1963,00		1950,00		1967,00	

Fonte: Embrapa Gado de Leite, FEE, IBGE (2004).

No que tange ao aspecto da interação da cadeia produtiva do leite com o capital social da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, verifica-se que há importância do capital social para o desenvolvimento regional. Pois, este, permite a integração entre os diversos atores que compõem a cadeia produtiva do leite, unindo-os em prol de um objetivo único e estratégico, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas nesta atividade. Os principais agentes de transformação dessa região podem ser vistos na figura 07, onde as pessoas é que assumem o principal papel nesta mudança, por isto, o trabalho deve iniciar pela conscientização de um trabalho em conjunto, de forma ordenada e racional. Os outros atores que fazem parte dessa composição do capital social são as seguintes entidades: cooperativas, instituições de pesquisa, governo, universidades, assistência técnica e sindicatos, cada um oferecendo sua contribuição na forma de recursos para consecução do capital social da região estudada, que possui como alternativa a inclusão da atividade leiteira.

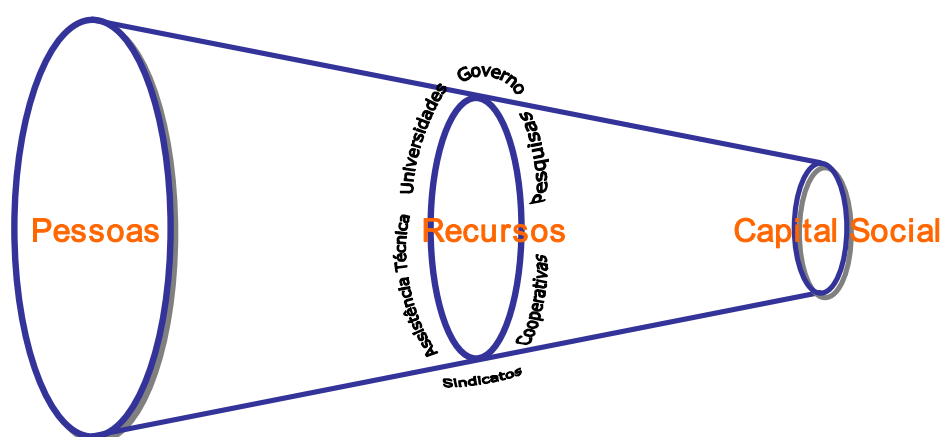


Figura 07 – Composição do capital social para a atividade leiteira na Região Noroeste do RS.

6. Considerações Finais

Ao se analisar a cadeia produtiva do leite na Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, verifica-se a sua existência de forma ainda incipiente, o que existe são ações isoladas entre os setores de produção de insumos, de produção de leite, de industrialização e de distribuição. Verifica-se também, que a região é composta por municípios que possuem uma baixa produção por vaca/dia, indicando uma relação fraca entre número de animais ordenhados e a produção, indicando a

necessidade de avanços na utilização de tecnologias para o setor de insumos e produção.

Referente ao contexto social, percebe-se a necessidade de incentivo e investimento no que tange a formação e instrução dos produtores de leite, na perspectiva do desenvolvimento das pessoas frente ao uso dos recursos disponibilizados na região, fomentando o capital social.

Mediante o presente trabalho, observa-se a importância que a constituição do capital social representa para a atividade leiteira da Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, constituindo-se em sua essência, de forma inclusiva, porque consegue unir os pequenos produtores ao redor de uma atividade produtiva única, permitindo a sua auto-sustentabilidade, com entradas gradativas de recursos de capital, que normalmente são mensais, servindo de manutenção e sustento para as famílias ao longo do ano. O referido capital social possibilita melhoria de renda, profissionalização, educação e fomento em atividades econômicas via associações e cooperativas na região, evitando o empobrecimento da região e o êxodo rural.

7. Referências Bibliográficas

AGENDA 21. Capturado em 30 mar. 2005. Online, disponível em: <http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/c6ag2114.shtm>

Atlas Sócio Econômico do Rio Grande do Sul. Capturado em 25 julho 2005. Online, disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=290>

Agroindústria. Disponível em: <http://www.agronline.com.br> . Acesso 13/07/2004.

BATALHA, Mário Otávio (org.). **Gestão Agroindustrial**, Volume 1. São Paulo: Atlas, 1997.

BOLETIM DO LEITE. **Perspectiva de Consumo de Leite no Brasil**. CEPEA – USP/ESALQ, ano 11, n. 130, Fev. 2005. Capturado em 25 julho de 2005. Online disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/files/2005/02%20fev.pdf>

CASAROTTO FILHO, Nelson.; PIRES, Luis Henrique. *Rede de Pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local: Estratégias para a Conquista da Competitividade Global com Base na Experiência Italiana*. São Paulo: Atlas, 1998.

COLEMAN, James S. *Foundations of Social Theory*. Cambridge, Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1990.

CUNHA, C. J. A. A., FERLA, L. A. (org.) (1997) - **Iniciando seu próprio negócio**. Florianópolis, Instituto de Estudos Avançados,

DE SANTI, A. & COPETTI, T. (2005) - **Um Brasil Empreendedor**. Jornal Zero Hora, p. 4-5.

DOLABELA, F. (1999) - **Oficina do empreendedor**. São Paulo. Cultura Editores.

EMATER Santa Rosa (2005). On line, disponível em <http://www.emater.tche.br/site/inicial/ptbr/php/index.php>, acessado em 2006.

EMBRAPA Gado de Leite (2004). On line, disponível em <http://www.cnpql.embrapa.br/>, acessado em 2006.

EVANGELISTA, Mário Luiz; SANAIOTTO, Odair. **Utilização de Cenários para o desenvolvimento Rural**. Artigo. 12p. (ainda não publicado).

GLAT, Daniel. O crescimento, as mudanças e os desafios do agronegócio. **Revista Pioneer**. Ano IX, n. 18, 6-7p.

HOLMES, C. W., WILSON, G. F. **Produção de Leite a Pasto**. São Paulo: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1990.

Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, IPD. On line, disponível <http://www.unijui.tche.br/> acessado em 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2001-2005). Online, disponível em <http://www.emater.tche.br/site/inicial/ptbr/php/index.php>, acessado em 2006.

Instituto de Economia Agrícola. Capturado em 25 julho de 2005. Online, disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=2313>

KOHLER, R. **Aspectos Socioeconômicos da Região Fronteira Noroeste**. In. DALLABRIDA, V. R.; BÜTTENBENDER, P.L. (org.). **Planejamento Estratégico Territorial**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

MARTINS, Marcelo Costa. CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE GADO DE LEITE. Comissão Nacional de Pecuária de Leite. Agronegócio do Leite. Ano III, n. 13, Abril 2003, p.2.

MILANI, Carlos. *Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local*: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). Disponível em <http://www.adm.ufba.br/capitalsocial/Documentos%20para%20download/ISTR%20003%20Capital%20Social%20e%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso 10 março 2006..

NALESSO, Renato Zabeu. **Leite Brasil em defesa do produtor brasileiro**. Revista Leite & Derivados, n. 79, ago 2004. Capturado em 25 julho de 2005. Online, disponível em: http://www.leitebrasil.org.br/artigos/jrubez_entrevista.htm

O setor agroindustrial. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso 2005.

Produção Agropecuária. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 2006.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia – A experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

STOCK, Lorildo Aldo. CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE GADO DE LEITE. Comissão Nacional de Pecuária de Leite. Agronegócio do Leite. Ano III, n. 13, Abril 2003, p.2.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projeto e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 1998.